



O Cardeal Arcebispo de Paris, Mons. Amette, recebe o Presidente da Republica Franceza na "Santa Capella,, do Ministerio da Justica, reaberta agora pela primeira vez, após a separação

(Do "J'ai vu...")

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

r. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador

acresce o impôrte das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 156

Braga, 24 de junho de 1916

Anno III

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



Peçem
o nosso
catálogo
illustrado
com 143
gravuras,
que se
enviam
gratis.



Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
Exposi-
ções In-
dustriaes
Portugue-
zas de 1887
e 1897.

PORTO

Rua do Bom Jardim,

33 a 68

Rua do Santo Antonio

33 a 68

GUARDA
Representante
depositarie
CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado

Specimen d'uma escultura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

A CASA ESTRELLA e a fornecedora das principaes casas con-
generes no estrangeiro, e a que mais Igrejas fornece no Conti-
nente, Ilhas, Brazil, etc . . .



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

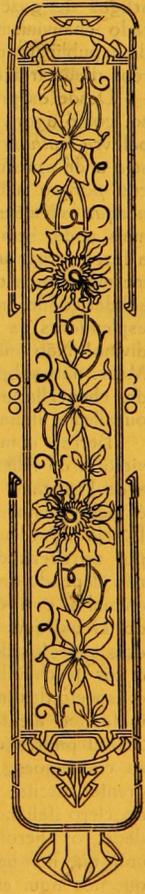
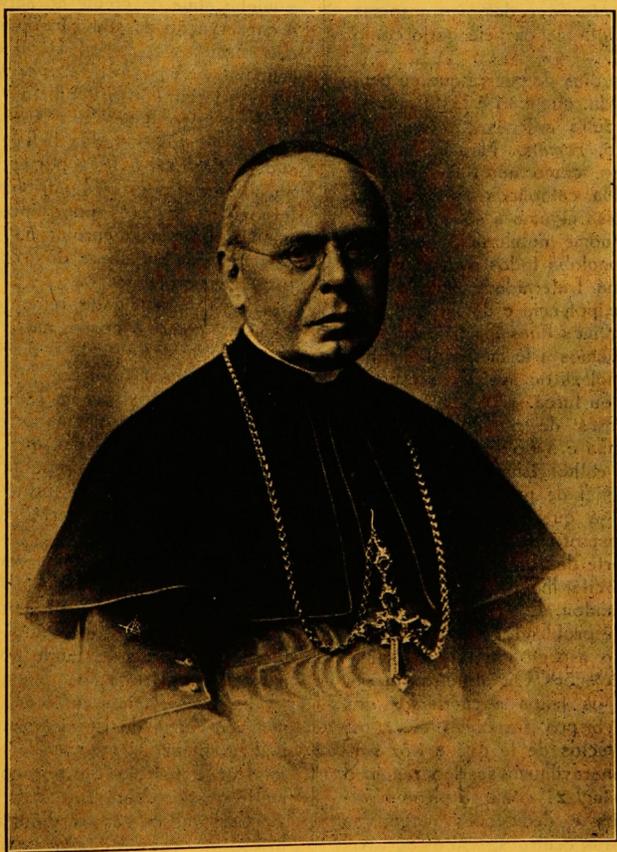
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yelloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Bragá, 24 de junho de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 156—Anno III



CARDEAL VIGO

(Phot. de Cav. Felici—Roma)



Outro aspecto . . .

ANALYSANDO a vida religiosa refloriente que a guerra nos tem desvellado nas paginas dos jornaes e nas das ordens dos exercitos, com referencia aos heroismos épicos das linhas de fogo e á variedade inegualavel dos hospitaes de sangue, — nada me tem irritado mais os nervos que essa apavorante confusão, que dia a dia infelizmente se confirma, entre os interesses dos belligerantes e os interesses religiosos do catholicismo. E' um pavor! E agora que entre nós nascem quotidianamente alliado-philos façanhudos, germanophilos apostados da véspera, é de vêr como ellas esviam dos folhetos de propaganda franceza ou retalham de artigos de gazêtas os argumentos do exaggerado chauvinismo, não vá o demonio suspicaz do republicano patriota filal-os pela gorja como réos d'alta traição . . .

Desde os primórdios da guerra que eu penso, como agora ainda, que não é licito apôr á palavra *catholico* outra adjectivação que não seja a de *apostolico, romano*. Não ha catholicos *porque* alliados, como não ha catholicos *porque* allemães. Ha catholicos apenas, sem mais nada, sem coisa alguma a sobrecarregar, a fazer vergar um nome nobilissimo que de si mesmo abraça e congloba todos os fies n'uma solidariedade, n'uma fraternidade tocada dos esplendores da omnipotencia e da misericordia divina! Não misturemos duas ideias distinctas. Mais: não sobpunhamos a fé aos pensamentos das chancellarias, ingleza ou austriaca, franceza ou allemã, italiana ou turca.

Berrar com poses de psychologo que a victoria da Alemanha é a do protestantismo e a da França a do catholicismo, ou vice-versa, é pelo menos, signal de pouco respeito pela Igreja de Deus — já que ha quem o affirme por estreiteza de espirito. O futuro da Igreja não depende da sorte das batalhas. Ella tem a animal-a e a endireitar-lhe os passos a mão do Deus que a fundou. E senão vejam-se os dois aspectos d'este problema: o côr de rosa e o côr de chumbo, o aspecto das esperanças e o aspecto das inquietações. Quanto ao primeiro, tanta me alentam os feitos e sacrificios dos 25000 padres e 4 bispos francezes alistados, as conversões, os actos de fé que a dôr sangrenta suscita; o maravilhoso serviço religioso do clero italiano e inglez; como á plena liberdade, os heroismos e dedicações magnificas com que nós imperios centraes, sem os agravos que nós aqui em Portugal sentimos, se desenvolve e patenteia a vida religiosa ao fragor estupendo das refregas. Nos paizes alliados

estes exemplos esperançosos tem a sobredoi-ral-os a circumstancia de se realizarem sob o cutello das perseguições declaradas ou latentes, nos imperios centraes tornam-se invejaveis pela athmosphera de lealdade, de paz e disciplina social em que desbofoam em graças mil para o céu que os acolhe jubiloso.

Voltemos a pagina, meditemos no aspecto das inquietações. E eu pergunto: que confiança posso eu, catholico, ter no governo francez que mantem, se não aggrava, o systema de perseguição aos crentes, que não larga mão do laicismo e execulou já a obra arruinadora que o radicalismo socialista defendia? que descanso pode gosar o meu espirito, vendo que um novo e mais formidavel *Kulturkampf* estalará na Alemanha e quiçá na Austria contra os christãos, contra os catholicos? que alegria ha de doirar a minha alma de crente ao saber que na Itália a conservação da situação humilhante que a *lei das garantias* creou ao Pontifice Romano está estipulada no *pacto de Londres* e ameaça protelar-se terminando o conflicto? . . .

Ora, não havendo nas espheras politicas superiores dos Estados belligerantes o menor signal favoravel á fé, e por equal se registando na altitude dos crentes-patriotas um inegualado fervor de sacrificios purissimos, — é digno da minha intelligencia enolar na thiara do Papa as bandeiras nacionaes dos regimentos que mutuamente se dizimam?

Só a imbecilidade reinante n'um paiz de copistas como o nosso, não vê que se a theoria da força esmagando o direito, que está vincada no pensamento dos governos de Berlim, é contraria á doutrina da Igreja; a do Estado-laico, a do Estado-estomago, a do Estado-gendarme, a do Estado-*tudo*, que é fundamental e praticamente a da 3.^a republica franceza briga tão directamente com os principios do christianismo que este é a eterna victima dos seus odios minacissimos.

As palavras e os actos com que Bento XV proclamou a neutralidade politica e doutrinal da Santa Sé são e devem ser a regra de conducta de todo o bom catholico no terreno da fé que não contende, muito ao contrario ajuda, a força do patriotismo.

Porque se teima então em confundir brutalmente a causa da Igreja com a de quaesquer belligerantes?

Por fanatismo ou por conveniencia? Por má fé ou por delirio?

Oh! que os sabios d'amanhã ainda descobrirão no caco do *homo europeus* as depressões . . . da parvoíce! E' o mal da epocha. Esse e o dos talentos de falcatrúa . . .

F. V.



COMPLETA no presente numero tres annos de existencia a *Illustração Catholica*.

Volvendo atraz nossos olhos por sobre as ondulações da planura percorrida, nós mesmos nos sentimos admirados da conquista feita a poder de dedicação e de trabalho, n'um paiz onde estas qualidades soém ser o passaporte de todos os desastres, as mais das vezes. Aqui chegamos, porém, e este simples factio nos está a arreigar mais profunda a gratidão que hoje nos liga aos leitores da *Illustração*, companheiros de árdua jornada que nunca deixamos de sentir a nosso lado. E' para elles que trabalhamos e trabalharemos, como para elles foi que hombros mettemos á empreza de dotar o campo catholico com uma publicação d'esta ordem, que atravez das difficuldades mil que a acompanha, e dentro dos possiveis limites — que a crise economica ou guerra europeia ainda veio restringir mais — contrabalançasse a influencia de publicações congeneres, pejudicadas de pornographias campando de artisticas e de litteraturas doentias.

Sabemos que muito falta á nossa obra para attingir o desiderato almejado. Mas o esforço de trez annos, feito com a maior sinceridade, habilita-nos a não ter vergonha d'elle e a confiar em que, com o auxilio de Deus e a bondade de tão excellentes cooperadores, poderemos reencetar a marcha cuja quarta etapa marcamos hoje com alegria, saudando os queridos leitores da *Illustração Catholica*.



DRPTICO



Por José Cavestany, trad.
litt. de F. d'Almeirim.

I

O Filho morto sobre a cruz pendia.
Muda, a seus pés, pelo amor cravada,
a Mãe, de mil espadas trespassada
a sua dor em lágrimas fundia.

No decorrer dos séculos parecia,
a terrível tragédia terminada,
e outra vez da Historia na jornada
volta a surgir fatídica e sombria.

Vivem ainda o scribe e o sicario;
e renovam a scena pavorosa
a negra cruz e o povo sanguinario;

porque a humana maldade impiedosa
inda não quer dos visos do Calvario
ir arrancar a Mater Dolorosa.

II

Falla o canhão e em torno a morte espalha,
Pelo fogo ceifadas e varridas
Cahindo sempre vão vidas e vidas
sobre o immenso campo de batalha.

Ao longe e ao péto a vaga da metralha
nas almas e no corpo abre feridas,
Milhares de mães succumbem abatidas,
Cada granada o peito lhes retalha!

O mundo é uma enorme sepultura
onde se ergue uma cruz, a cujo lado
funde em pranto a mulher sua amargura.

Sempre o *Stabat Mater* renovado!
Hontem tu foste, ó Virgem sem ventura:
Hoje revives na mãe do soldado.



VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO

Ao sol

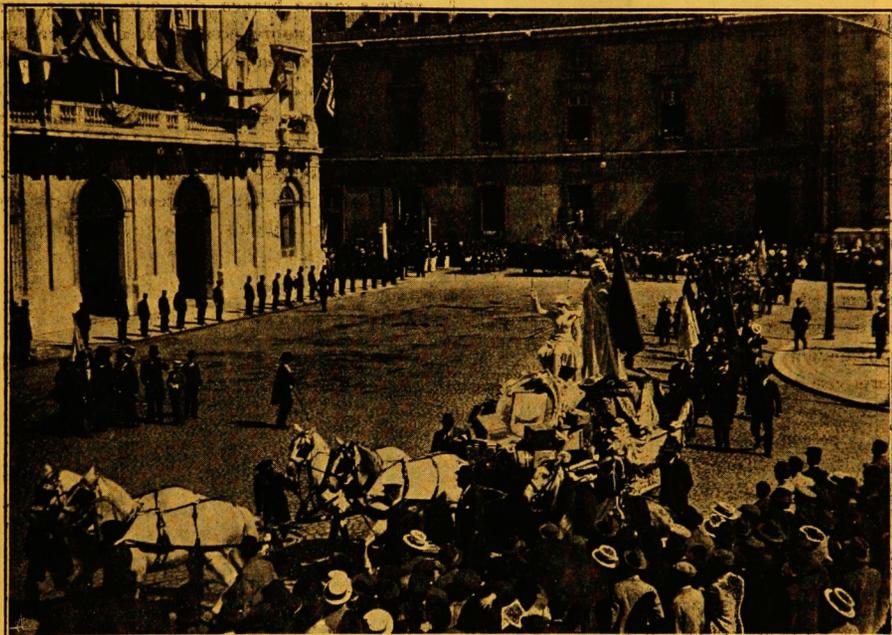


A hora do sol, subo como um romeiro despreocupado, por entre pinheiros e castanhaes, a ingreme ladeira do Crasto onde mora em sua ermida caiada. — segundo resa o povo. — a mais linda e milagreira Nossa Senhora d'esta boa terra minhota. A paisagem vem subindo, suave, mansa, em degraus de verdura, até ao sombrio dos pinheiros que circundam o eirado batido dos ventos, da solitaria ermida. Todo o pequeno valle enovelado de cearas, que ondulam fartas, em revoltas marés, tapetado de prados, onde a primavera esqueceu algumas flôres, clareia no cercado triste dos pinheiraes, que muralham a pequena aldeia de Deuchriste, toda alegre, fresca, innundada de sol, com os seus casaes alegres, a sua egreja acolhedora, o sollar romantico e infancia de seus antigos senhores, arrastando-se tranquilla, até ao monte, d'onde a Virgem em sua lendaria ermida, estende n'uma benção, os seus braços acolhedores. A' direita o monte do Santinho, com a tradição romanesca das suas mouras e das suas cavernas lendarias, olha o valle tranquillo, immergindo da ramaria funebre dos pinheiros, onde pelas noites de furiosa invernia, o vento geme revoltado e a crença ingenua do povo, julga vêr as sombras errantes de phantasmas em tragicos conluios. Subindo, subindo, por entre os matagaes, cortando a sombra quieta das devezas, surge, como por encanto, enrodilhada aos pés da montanha do Faro, Parque a Laboriosa, e mais além, debruçadas para o rio, as cascas de Vianna, com as suas claraboias chammejantes, os vidros accesos como fornalhas, ao derredor das cimeiras das suas torres, aureolada de nevoa, o fumo das mil boccas que respiram, a sombra dos mil interesses que se chocam, a nuvem eterna de paixões e de vícios, que sempre cobre as cidades, com o contraste illuminado do fundo da barra e a ramaria de Santa Luzia, muito altiva do seu dominio, muito orgulhosa da sua tradição.

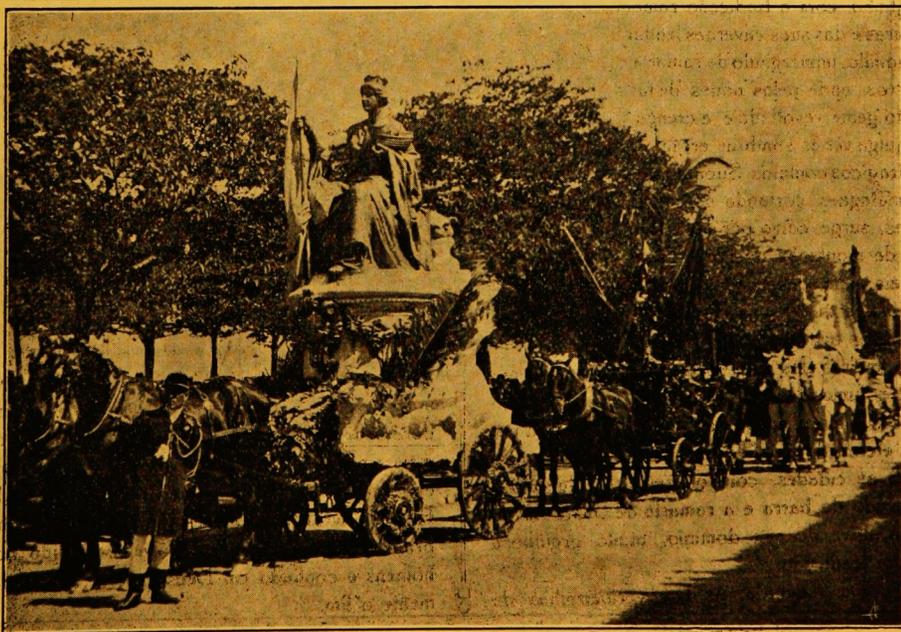
Para a esquerda, as terras ribeirinhas de

Deão, ora alegres na meninice dos seus verdes milheiraes, logo tristes na cor sombria das geiras aradas para as ristevas, descem até ao Lima, que serpenteando, como um fio de prata por entre a massa branca dos seus areaes, passa imponente e nobre, no seu todo de desventurado corredor, a caminho do mar. Para além Gêraz, com as suas casas muito brancas, muito juntas, com arrebiques de villoria, no relembrar do seu antigo concelho, e além-margem, Lanhezes, Cardiellos, Cerrelles, aconchegada aos pés da serra de S. Silvestre, pittoresco logar de devoção popular, á ilharga da serra d'Arga, que domina altiva, na fertidade das suas chãs e na imponencia das suas fragas, aquelle quadro enternecedor. Tudo isto se disfructa ameno, do eirado batido do Crasto, como corrido na pelicula convencional d'um *ciné*, á hora gloriosa do sol, que innunda de luz e oiro, outeiros e serranias.

A este retirado logar — refere a lenda — alquem que luctou e soffreu, veio acolher-se certo dia, desilludido dos homens e confiado em Deus, para na solidão da montanha e na companhia das rezas, terminar esquecido, seus amargurados dias. Accumulara riquezas, fartara-se nos prazeres do mundo e não lograra afinal a felicidade, esse homem que viera esconder-se n'aquelle sombrio monte, á busca da paz do espirito e da tranquillidade da consciencia. Uma tarde, nos vagares dos seus piedosos lazeres d'ermitão, quando vagueava pelo monte, deixando correr os olhos pelo horizonte distante, appareceu-lhe Nossa Senhora, toda cercada de luz, toda cheia de flôres e alli lhe pediu para sua moradia uma simples ermida. Logo o bom do homem, poz todos os seus haveres e piedoso empenho, na realização d'esse desejo divino, e um anno mal corrêra, já no cimo do monte, perto da cisterna mourisca, ultimos restos do velho Castro feudal, se erguia a capellinha caiada e o alpendre acolhedor, que hoje domina e abençoa a pequena aldeia de Deuchriste. E o povo, teve uma nova fé, a aldeia uma nova padroeira, as dôres encontraram novo refugio, que nas horas mais amargas d'afflicção as almas murmuram em supplicas. «Senhora do Crasto, Senhora do Crasto» livrae-nos do mal, como outr'ore o sombrio ermitão, que para alli fôra, desilludido dos homens e confiado em Deus esperar, resignadamente o fim...



Festas em honra de Camões
Lisboa—Cortejo patriótico. Desfile em frente da Camara Municipal, vendo-se o carro do Commercio e Industria



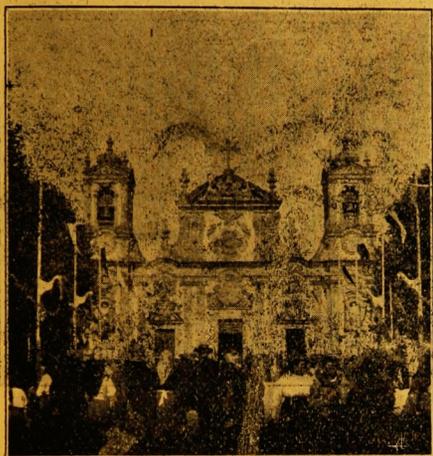
Os carros allegoricos



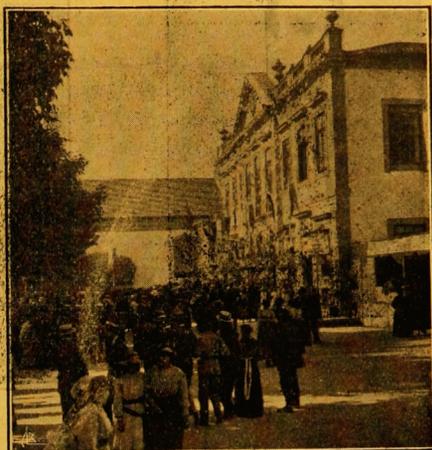
Lisboa—Cortejo patriótico. Um aspecto do cortejo



Grupo de bandeiras dos aliados



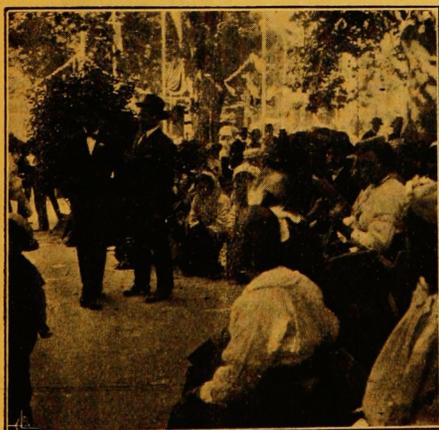
O templo



A casa dos milagres



Um aspecto ao jaraím junto á egreja



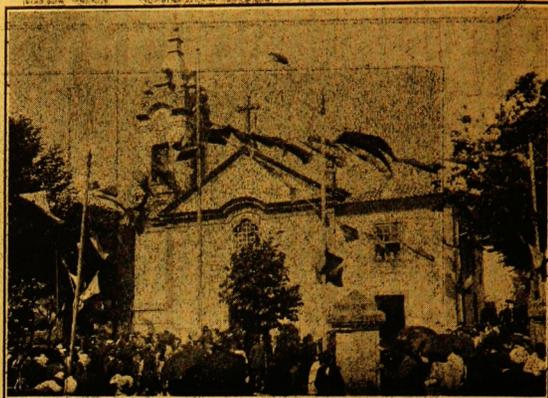
Descançando depois da visita á romaria



Apreçando uma caneca



Dr. Francisco Martins, illustre lente da antiga faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra



A capellinha

Padre Antonio Vieira



pois, provavel que os seus conselhos muito fizessem por santo designio de Deus.

A doenca de el-rei foi debellada e o senhor D. João IV — que frivolos e sectarios historiadores tanto tem pretendido deprimir — depressa quiz saber de Vieira a situação dos interesses nacionaes no Brasil, e assim os progressos do catholicismo que o



Um aspecto da romaria



Os romeiros bebendo agua na fonte das bicas

eminente Jesuita servia sempre com ardor, alliando-os genialmente aos melhores da Patria.

D. João IV ouviu com asombro e mágua as tristes confidencias do padre Vieira.

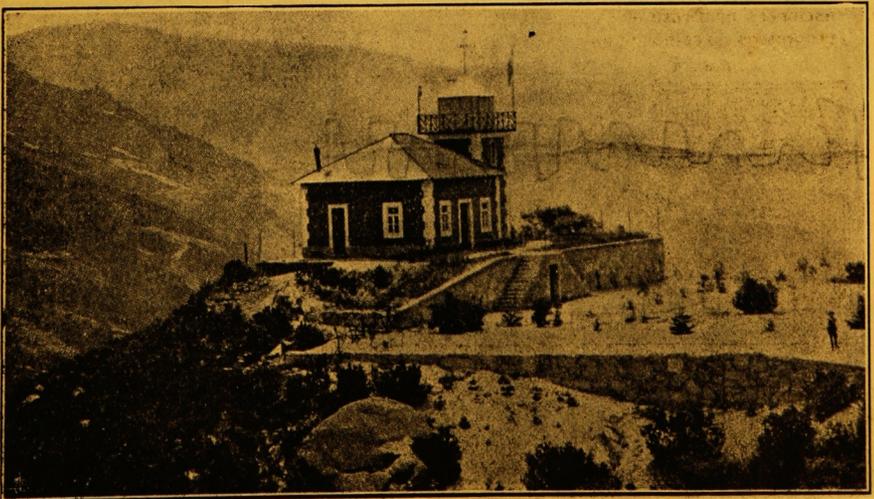
O quadro era tetrico, e a palavra do eminente Jesuita e Portuguez não lhe poupava os estranhos claro-escuros.

Mas, no meio de todos os pormenores, no relato fiel e vivo de tantas torpezas e angustias, o grande pregador e missionario destacava tanto a psychologia dos seus queridos Indios, que o monarcha os ficou amando como elle sabia amar os seus vassallos, paternalmente, com transportes d'um sen-

THERMAS DE PORTUGAL



Uma vista panoramica do Gerez



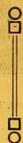
O Observatorio Metheorologico da secção florestal do Gerez



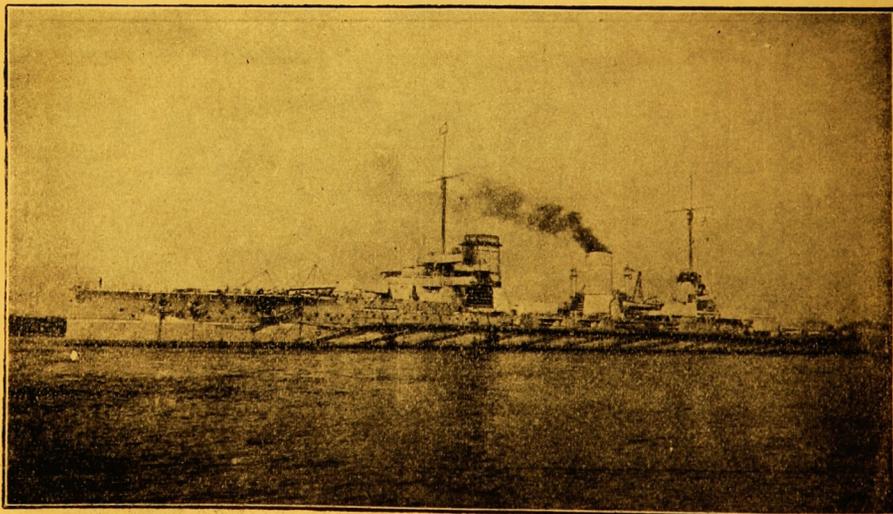
A ultima photographia de Lord Kitchener tirada por occasião da sua visita a um hospital militar

timento que os mais insidiosos calumniadores de reis não podem negar.

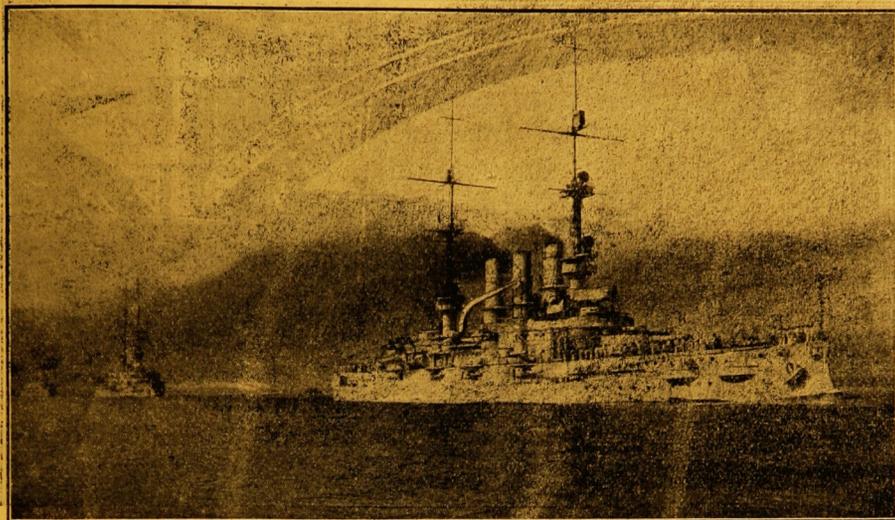
Oh! como D. João IV soffreu n'aquella hora amarga em que Vieira lhe pintou as libertinagens, despotismos e infamias dos representantes, no Brazil, do poder metropolitano!



O eminente Jesuita não podia nem devia poupa-lo ás vergonhas que na America estavam conspurcando a gloriosa e civilisadora missão de Portugal. Era preciso que D. João IV as soffresse para n'ellas poder acreditar, tão excessivas eram, e tão reclamadoras de ur



O barco de guerra allemão "Pommern", afundado na batalha naval na Jutlandia



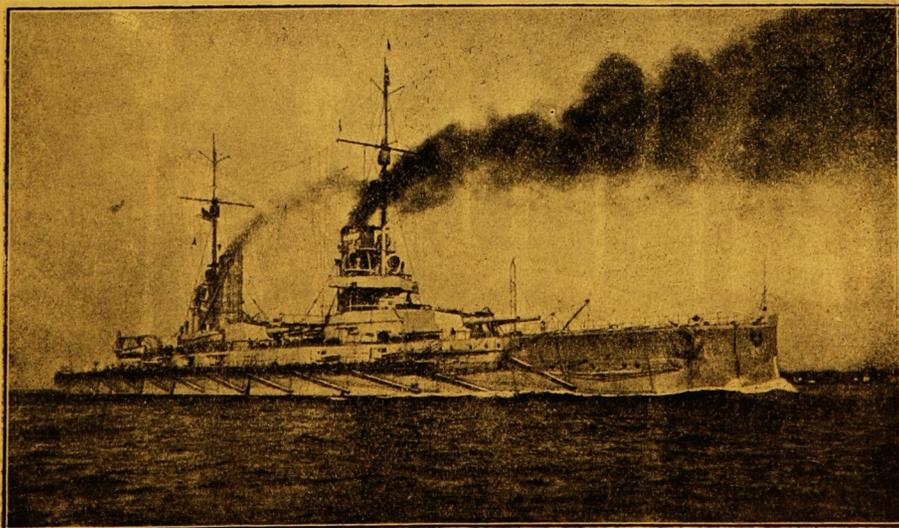
O couraçado almirante "Seydlitz", da esquadra allemã, que tambem foi a pique

gente punição e de uma reforma administrativa, radical e ponderada.

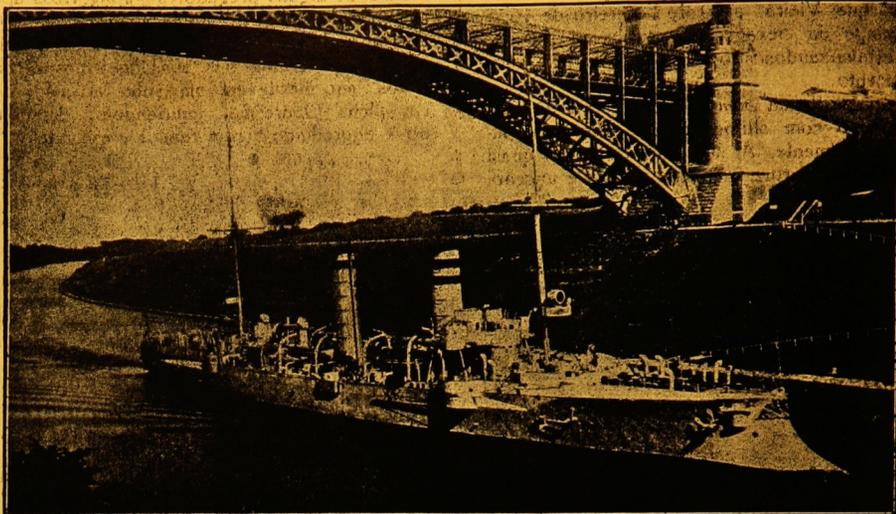
Nada, pois, occultou. Vieira atravessava de novo o Oceano para libertar os Indios dos devoristas que, em nome da Espada e da Cruz, lhes sugavam o suor e o sangue, envenenando-lhes as almas e torturando-lhes os corpos. Que soubesse Sua Magestade quanto pelos seus delegados eram no Maranhão desprezadas e ultrajadas as leis divinas e humanas. Cada autoridade era um tyranno dentro d'um libertino

que deshonestava os lares, ao mesmo tempo que o chicote dos escravagistas vincava atrozmente as espaldas, os rins e até as faces d'aquelles desgraçados subditos e filhos de el-rei de Portugal.

Assim, não encontrara gentios impenitentes, encontrara victimas de falsos catholicos que invocavam sacrilegamente Jesus Christo, affrontando-O na pratica dos vicios mais abominaveis, das mais nefandas e monstruosas extorsões.



Dragonauta "Kaiser", que foi afundado na batalha



O "Frauenlob, barco allemão completamente destruido pelos inglezes

Morriam os Indios sem os Sacramentos, e ao mesmo tempo sem os haveres, sem a liberdade e sem a honra.

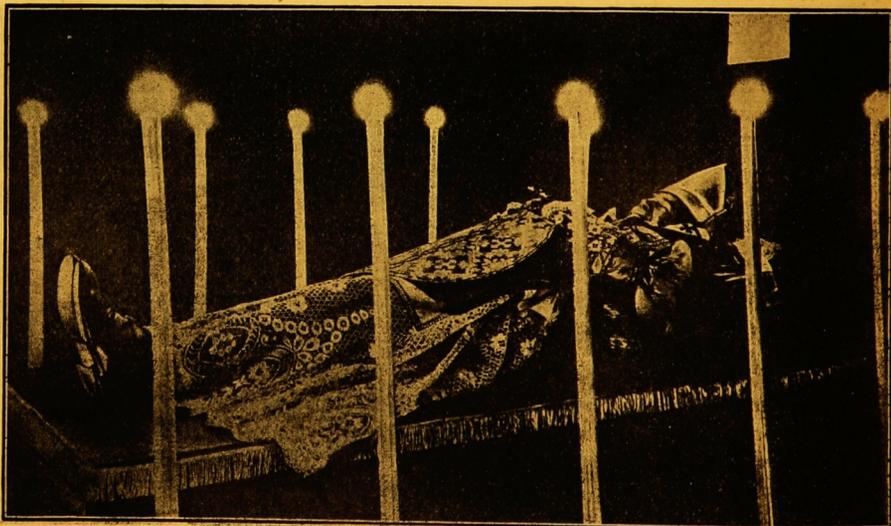
Poderia Sua Magestade permittir a continuação d'aquellas miserias, a escandalosa impunidade d'aquellas ignominias?

El-rei D. João IV não se perdeu em pala-

bras, porque antes quiz reflectir demoradamente os males, procurando assim com austeridade o seu remedio: mas, a concisa e digna resposta que deu a Vieira, se no-la não transmittiu a historia, deprehende-se da sua resolução superior, pouco depois de ouvir Vieira.

Entretanto, a cõrte alvorçava-se com a

Do Nascente ao Poente



Cardeal Sevin, arcebispo de Lyon no seu leito de morte

presença do eminente pregador e patriota, e taes foram as solicitações para que se fizesse ouvir, que Vieira, a 19 de Fevereiro de 1655 (Domingo da Sexagesima), subiu ao pulpito, que estava saudoso do seu melhor e mais puro ornamento.

Foi seu thema *Semen est verbum Dei*. Desenvolveu-o com alliloquencia e severidade, incomparavelmente. A sua palavra, como quasi sempre, foi aurora e espada, látigo e unção.

verdade e extasis. Mas a inveja e a lástima mesmo de alguns pregadores—gongoricos apenas, vangloriosos de applausos mundanos—doeram-se irritaram-se, allucinaram-se, e alguns, julgando-se feridos nas suas doutrinas e canções, não hesitavam em subir ao pulpito, e em plena Quaresma, injuriando-o, deprimindo-o, aggreindo-o com rancor e escandalo.

(Continúa.)

JOSÉ AGOSTINHO.

Coche da Coroa

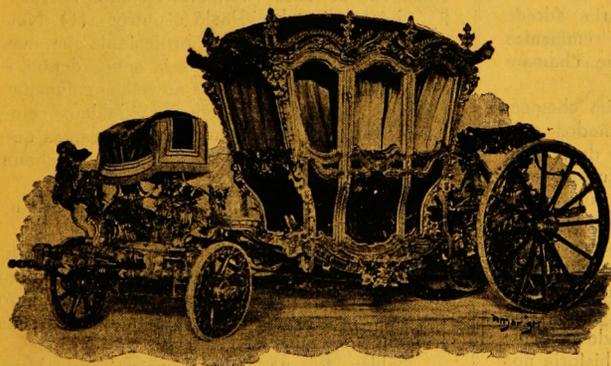
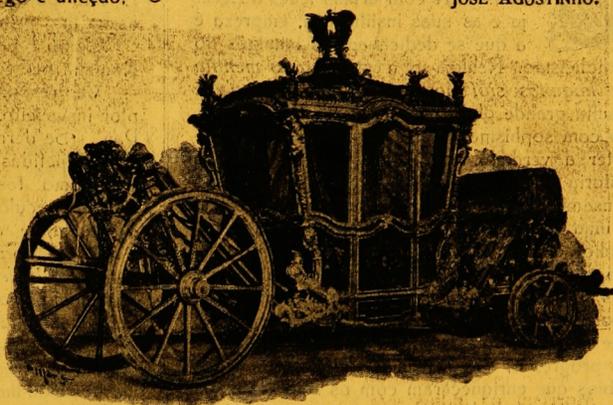
Destinado unicamente ao

Rei e só utilizado

nos grandes cortejos de gala.

Foi mandado fazer em

Paris por D. João V, em 1708.



Berlinda de D. Maria I

Esta berlinda é tambem denominada de D. Miguel I, por ser mandada restaurar durante o seu curto reinado.

Foi feita em Portugal, em 1790.

Coche do Papa, Clemente XI

Construido em Roma

e offerecido pelo

Papa Clemente XI a D. João V,

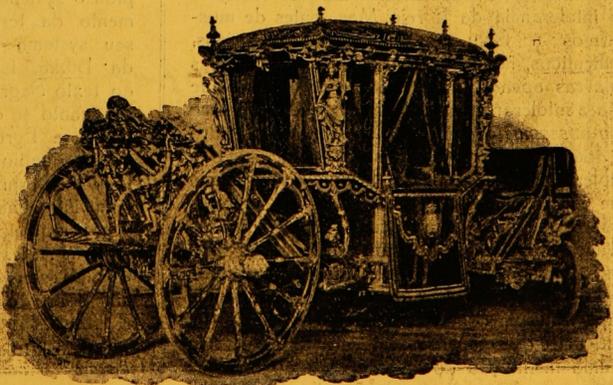
em 1715, por occasião

de enviar as

Fachas Bentos,

para o recém-nascido principe

D. José.



GALILEU E A INQUISIÇÃO



COMBATER com armas leaes a Igreja e as suas instituições, empreza é a que se dedicavam os inimigos do catholicismo. Realiza-se n'este facto o *mentita est iniquitas sibi* do Psalmista, porque d'elle resulta grande gloria para a verdade catholica. Só com sophismas e erros é que se pode combater a verdade. Adulterou-se perfidamente a historia para proclamar a Igreja oppressora do pensamento humano; inventou-se uma sciencia e uma philosophia para mostrar que a fé catholica é inconciliavel com as conquistas do genio do homem no vasto campo da natureza e nos dominios da sciencia experimental. Se, apoiados em documentos historicos, dissermos que a Igreja foi sempre a grande propulsora do progresso, das sciencias, a protectora dos sabios que enriqueceram com os seus inventos, com as suas obras, com a sua prodigiosa actividade intellectual, o patrimonio do saber humano, acodem logo com a historia adrede adulterada, tentando mostrar que eminentes sabios foram victimas d'isso a que chamam intolerancia da Igreja.

Os *martyres da sciencia!* Assim chamam aos sabios que, se foram condemnados pela Igreja, não foi, certamente, porque se dedicavam ao estudo dos phenomenos da natureza, mas porque tiraram do seu estudo conclusões inconciliaveis com a fé depositada pelo proprio Deus na sua Igreja para que a conservasse e ensinasse em toda a sua integridade e pureza. Não foram pois condemnados como eminentes sabios, mas como maus filhos da Igreja. Galileu foi um d'esses sabios, em verdade eminente e de nome immortal, que a falsa historia nos apresenta como um dos mais illustres martyres da intolerancia da Igreja. Mas, antes de mostrarmos á face de documentos historicos, authenticos, indiscutíveis e até insuspeitos, duas palavras apenas, para determinar bem o que seja a intolerancia da Igreja. N'aquelle sublime *non possumus* proferido pelos Apostolos Pedro e João está admiravelmente synthetizada a intolerancia doutrinal da Igreja, intolerancia que é a sua vida, o segredo das suas victorias brilhantes, durante vinte seculos, sobre inimigos formidaveis. Nenhuma instituição docente pode transigir com o erro, nenhuma auctoridade pode transigir com a desordem, nenhum juiz pode transigir com o crime. Isto é d'uma tal evidencia, que dispensa demonstração. A Igreja é uma instituição docente, é uma auctoridade

divina, é um juiz incorruptivel; fallaria á sua missão divina se transigisse com o erro, com a desordem, com a desobediencia ás suas leis. E não pode fallar nunca á sua missão que assim lh'o prometteu o proprio Deus.

Como e porque foi então que a Inquisição Romana perseguiu Galileu?

Vae responder em primeiro logar um escriptor insuspeito, porque é protestante, Mallet du Pan. «Se dermos credito ás narrações patheticas, repetidas em mil obras, sobre Galileu, o astronómo toscano foi sacrificado á barbearia do seu seculo e á inepecia da corte de Roma; a crueldade allia-se á ignorancia para abafar a physica no seu berço. *Esta opinião é um romance. Galileu não foi perseguido como bom astronómo, mas como mau theologo.* Deixa-lhiam tranquillamente fazer mover a terra, se não se abalanchasse a explicar a Biblia. As suas invenções crearam-lhe inimigos, a sua petulancia causou-lhe grandes dissabores. Quanto á barbaria do seculo de Galileu os barbaros chamavam-se Tasso, Ariosto, Bembo, Torricelli, Guichardin, Frei-Paslo e outros» (1). Ninguém respondeu ao critico, protestante sim, mas imparcial. Só cincoenta e sete annos depois é que appareceram reeditadas as velhas calumnias contra a Igreja a proposito de Galileu, calumnias que são exactamente as mesmas que ainda hoje se repetem em linguagem inchada de indignação, contra a Igreja.

Pois já que insistem em propagar a columna, insistamos nós em desfaze-la. (1)

Quando Galileu frequentava a Universidade de Pisa, sua terra natal, já com grande renome de sabio, o cardinal Del Monte era o seu amigo e protector desvelado, que o animava nos seus trabalhos scientificos.

Galileu foi, na Italia, o primeiro que adoptou o systema de Copernico relativo ao movimento da terra; mas ao passo que ensinava o seu systema sem nunca invocar o testemunho da Biblia, isto é, sem fazer referencia alguma ao texto Sagrado, Galileu não procedeu assim. Emquanto se conservou nos dominios da astronomia, a Igreja em nada estorvou as lucubrações do sabio, mas quando se arvorou em theologo e interprete do texto sagrado suscitando com isto uma accessa polemica com os theologos, a Inquisição interveio, não podia deixar de intervir. Antes da discussão, em março de 1611, Galileu esteve em Roma, ahi fez uma conferencia sobre o movimento da terra, e sobre as

(1) Mallet du Pan, cit. por Berthelemy, na sua obra: *Erreurs et mensonges historiques*, Tom. I, pagin: 36

manchas do sol, sendo escutado com admiração e applauso pelos cardeaes e prelados da cidade eterna. Ninguem o accusou de herege; não o era realmente, como foi então que a Inquisição interveio? Ouçamos um biographo illustre de Galileu: 'E' desde a primeira intervenção dos inquisidores que se torna necessário precizar claramente a attitude d'aquelle tribunal e o alcance dos seus actos. Um religioso denuncia um sabio, outros religiosos o julgam, e d'aqui concluiram alguns o antagonismo entre a Egreja e a sciencia. A verdade é exactamente o con-

trario. Os religiosos representam um pape importante na historia de Galileu, não como contradictores systematicos, mas porque os conventos eram então o fóco mais ardente de controversias scientificas, e o mesmo homem que os dominicanos e jesuitas accusavam viu-se ao mesmo tempo defendido por dominicanos e jesuitas (1).

(Continua)

S. R.

(1) Fallone cit. por Barthelêmi, obr. cit. pagin. 91.

Gente meuda



Eu defestei a sopa, mas disse ao papá que gostava muito d'ella. Assim, quando faço alguma maldade...

— O papá não te dá sobrezeza?...

— Não, não me dá a sopa!...

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Todos são medicos



O duque de Ferrara disse uma noite em grupo dos seus aulicos que a cidade de Ferrara não tinha mais de vinte medicos. Um dos ouvintes, genio vivo e brincalhão, contradisse:

—Tem mais de quatro centos. E aposto.

O duque acceitou a aposta. No dia immediato, quando entrou na egreja, deparou com o fidalgo com quem apostára, de queixos entrapados.

—Que tendes?

—Uma horrivel dôr de dentes.

Lamentou-o o duque e aconselhou-lhe um certo remedio, outros fidalgos e muitos amigos tambem se interessavam por elle e todos lhe receitavam mesinhas: Ao fim da tarde tinha registado mais de seis centas receitas. A' noite apresentou-se ao duque, a quem mostrou o caderno das receitas e dos medicos, ganhando a aposta de duzentos escudos.

Lysias e o cliente

Lysias defendia no Areopago um homem accusado de leve crime, e antes de começarem os debates deu a ler ao cliente a oração que tinha composto.

—Que tal a acha?

O cliente meditou alguns minutos:

—A primeira vez que a li pareceu-me bem, a segunda menos bem, e a terceira mal.

Lysias respondeu desabrido:

—Visto isso está boa porque não se lerá mais que uma vez.

O espelho e o vinho

Dizia Esquilio:

—No espelho vê o homem o seu rosto; no vinho lhe vêem os outros o seu coração.

Novos tributos

Os validos de Henrique III aconselharam-lhe que lançasse pezados impostos sobre o povo para poder fazer face ás despesas com a guerra.

—Não. Eu temo mais as maldições do meu povo, que as lanças dos meus inimigos.

Os beneficios

Um discipulo de Aristoteles perguntou-lhe o que no mundo envelhecia mais depressa?

—Os beneficios recebidos.

Para que se vive

Socrates respondeu a um curioso que o interrogou em que differia dos outros homens:

—Os mais vivem para comer, eu cômoo para viver.

Justiça e clemencia

Perguntado o rei D. Affonso de Napoles porque razão se mostrava tão compassivo com os maus, respondeu:

—Porque com a justiça concilio os bons e com a clemencia os maus.

O amor

São Gregorio definiu assim o amor:

—O amor embotas os sentidos, escurece a vista, tira a memoria, confunde o entendimento, faz o homem pallido e torpe, traz a velhice e apressa a morte.

O parvo favorecido

Dizia um homem discreto:

—Um parvo em alta posição é como um homem em cima d'uma torre; tudo lhe parece pequeno e elle parece pequeno a toda a gente.

A melhor cidade

Perguntaram a Solon que cidade preferiria para viver. O philosopho respondeu:

—Aquella em que são premiados os bons e castigados os maus.

O denunciante

Chegando D. João II a Almeirim, um de seus cortesãos veio dizer-lhe que um certo fidalgo implicado na conspiração do duque de Bragança se achava escondido na villa, e que elle sabia onde.

—Melhor fôra, respondeu o rei, dizer-lhe a elle que eu estou aqui, que vir-me a dizer a mim onde elle está.